



Voluntários na Educação
Educamos no Voluntariado

Corpo Nacional de Escutas - Escutismo Católico Português

A importância de ser voluntário

A importância de ser voluntário

Por Rita Lencastre

in Revista Xis (Jornal Público)

Existem milhares de instituições e organizações que apostam no trabalho voluntário. Umas fazem visitas regulares a hospitais, prisões e bairros sociais, outras são vocacionadas para trabalhos mais espirituais e evangélicos, como seja dar catequese ou simplesmente rezar com quem pede. No entanto, todos os grupos se interligam, seja pelos trabalhos comuns que realizam, seja pela espiritualidade ou pelo contributo cívico que os une e move.

Rock in Rio Lisboa. Pela primeira vez envolvidos numa acção conjunta, a AASUL, a Equipa d'África, o GASNova, o MariAjuda, o MSN e o Portugal Voluntário, juntaram-se por ocasião do Rock in Rui em Lisboa, onde estiveram presentes, por um dia, na tenda "Por um mundo melhor". O objectivo desta associação era dar a conhecer os diferentes grupos universitários que fazem missão em Portugal ou nos PALOP e mostrar que existem muitos projectos construtivos com muitas pessoas empenhadas em construir um mundo melhor. Nasceu assim pela primeira vez uma plataforma que tem por nome Faz Traz Paz e reúne, pela primeira vez, um conjunto de grupos universitários cristãos que desenvolvem projectos de solidariedade social e evangelização. Actuando em Portugal ao longo do ano, junto dos mais necessitados, intervindo em bairros desfavorecidos, apoiando idosos e crianças e reencaminhando sem-abrigo e pedintes, muitos destes grupos também partem para projectos humanitários de maior duração - um ou dois meses ou, até, um ou dois anos - nas regiões mais isoladas de Portugal, nos PALOP e no Brasil. Unidos pela mesma missão de construir e levar a paz, estes grupos acreditam que só permanecendo fiéis ao essencial e inspirados no amor de Jesus Cristo, através da oração e pelo serviço aos outros, é possível construir uma paz verdadeira e duradoura.

Os projectos. Na maioria dos grupos de voluntariado jovem existem dois tipos de projectos: os projectos de Verão e os que decorrem ao longo do ano. No entanto, uns não funcionam sem os outros, já que para se fazer um projecto de Verão de um ou mais meses está implícita uma preparação ao longo do ano. Esta preparação faz-se em fins-de-semana de campos de trabalho e passa por assumir outros projectos durante o ano lectivo, como participar em reuniões periódicas, seja de oração (para os grupos cristãos), seja de tema, onde se discutem temáticas como a pobreza, a comunidade, a sexualidade e outros que sejam relevantes para o trabalho que se vai fazer em campo.

Uma questão de moda? Uma das poucas críticas que se ouvem quando se fala em associações de jovens está relacionada com o facto de se pensar que o voluntariado é acima de tudo uma questão de moda. "Fica bem" fazer voluntariado, dizem. Marta Leitão, uma advogada que fez 2 projectos com a Equipa d'África, esclarece que "o voluntariado implica

demasiados sacrifícios para ser uma questão de moda”. De facto, passar as férias de Verão a dormir pouco e mal, longe dos amigos e da família e ter que assistir a situações penosas não é nem será nunca uma moda.

Henrique Gomes, engenheiro do ambiente e voluntário do GASNova, responde que “se o trabalho desenvolvido for útil e competente, não vejo qual é o problema. Para além disso, as pessoas que começam a fazer voluntariado apenas por uma questão de moda dificilmente se aguentam face às dificuldades extremas que encontram no trabalho de acção social”. Por outro lado, se ainda há quem ache que é moda ir um ou dois meses para fora, o facto de isso obrigar a um compromisso com um projecto durante o ano inteiro desfaz à partida esse equívoco.

Desafios nas missões. Conforme já foi dito, os colaboradores são vastos e diversificados e, por vezes, aquilo que é pedido nem sempre é o mais fácil ou o mais apetecível. Consoante as diferentes culturas ou regiões, as necessidades vão variando. Se para uns é mais difícil fazer visitas às prisões, para outros o trabalho de hospital deixa recordações que nunca serão esquecidas. Os desafios são muitos e o esforço exigido não pode ser menosprezado.

Em Cabo Verde, por exemplo, um dos trabalhos que mais impressiona é o trabalho na Pediatria do Hospital da Praia, pelo sofrimento que se faz sentir, confessa Pedro Luz, da AASUL. Na serra algarvia e no Redondo, outros exemplos, acompanha-se sobretudo a população mais idosa. “A realidade de solidão que se vive entre esta camada da população é impossível não ‘mexer’ com quem lá vai”, diz Mafalda Brandão depois de cumprir dois projectos na serra algarvia, onde o trabalho que mais lhe custou, e que, paralelamente, foi o que mais gostou de fazer, foi o de visitar os idosos que estão num lar da região. “A falta de dignidade por que estas pessoas passam e, ao mesmo tempo, a alegria com que recebem ‘os jovens de Lisboa’ fazem perceber que a nossa presença no local não é indiferente”.

Impressões. O pôr do sol, os sorrisos, um céu imenso, a simpatia das pessoas, a beleza natural, o desprendimento em relação aos bens materiais, a generosidade sem tamanho e o coração aberto das pessoas marca para sempre.

Mas também o cheiro das feridas, ver como as crianças crescem depressa e são adultas à força, algumas já amargas e violentas, a pobreza extrema em que vive tanta gente, a imensa solidão. Tudo isto fica igualmente gravado de forma indelével.

O final das missões traz um misto de alegria, tristeza e nostalgia. Acima de tudo, no entanto, fica a convicção de que é possível mudar o mundo para melhor, mesmo que nalguns casos possa haver uma certa frustração em ver o quanto se é útil “lá” e regressar a uma vida aparentemente vazia e inútil.

Muitos sentem mais necessidade de compreensão por parte dos outros e dão consigo a pensar que “cá” continua tudo igual. É aí que entra o desafio de pôr em prática muito do que se aprendeu, hierarquizando de forma radicalmente diferente as prioridades e vivendo com mais critérios.